

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Nº 8 NOVEMBRO DE 1992

Reitor

Prof. Héglio Trindade

Diretora do Instituto de Letras

Profa. Eloína Prati dos Santos

Corpo Técnico

Rogério Oliveira Vieira

Gislaine Silva Marins

José Canisio Scher

Apoio

Pró-Reitoria de Extensão

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

NACIONALISMO E IDEOLOGIA: VARIANTES DO SONHO AMERICANO
NAS TRÊS ÚLTIMAS DÉCADAS

Sandra S. Maggio

A intenção original desta apresentação era a de expor, de maneira simples e imparcial, algumas considerações acerca da função desempenhada pelo mito do Sonho Americano no panorama social e político dos Estados Unidos da América. Ficou logo claro, contudo, que seria impossível abordar um assunto tão complexo como se fosse algo simples. E quanto à questão da imparcialidade, é forçoso lembrar que, apesar da sincera intenção de manter uma posição de neutralidade, as impressões aqui apresentadas são as de uma pessoa que é brasileira, e cujas noções relativas a certos aspectos que este mito envolve diferem, muitas vezes, das de indivíduos de outras culturas.

O período abrangido é o das três últimas décadas, e a ênfase recai nas mudanças ideológicas operadas e na forma com que foram apresentadas pela mídia, em especial pela televisão e pelo cinema.

Iniciemos, então, considerando a dupla função do Sonho Americano. Enquanto mito, atua sempre como uma força propulsora. É, portanto, uma força positiva, que conduz o ser humano a confiar em suas próprias qualidades e a empreender e a relizar ações. Gera otimismo e, por conseguinte, uma sensação muito forte de nacionalismo, pois o povo que confia em si mesmo tem mais chances de vencer obstáculos do que aquele que adota, de início, uma atitude derrotista. E é aqui que se propõe o segundo aspecto deste mito, o questionamento da espécie de ação à qual este nacionalismo conduz.

Tomemos, então, a idéia apresentada por Nietzsche sobre o que viria a ser o "Super-homem". Há

indivíduos capazes de "ver" -- ou seja, de analisar todas implicações de uma ação ou de uma omissão. Esta percepção da complexidade das coisas geralmente os imobiliza. ⁽¹⁾ Há, por outro lado, os que "agem" com facilidade, mas são incapazes de avaliar as possíveis conseqüências de suas ações. Para estes há, em inglês, o ditado "Fools rush in where angels fear to tread." O super-homem, então, seria aquele capaz de "ver" e, ainda assim, "agir". Resta saber se o mito do Sonho Americano, gerador da sensação de potência e propulsor da ação, possui os mecanismos necessários para propiciar, também, a "visão" abrangente da complexidade dos fatos envolvidos em cada atitude proposta.

Muitas vezes, a "ação" é conduzida a partir de um direcionamento ideológico proposto pelo "Establishment", um mecanismo social imenso formado por um conjunto de partes coordenadas entre si.

Todo e qualquer sistema possui mecanismos de controle para garantir a manutenção da sociedade que a ele está ligada. E os mitos funcionaram como controladores subconscientes do sistema, regendo a imaginação coletiva de cada povo. Se tomarmos como exemplo os nossos próprios mitos brasileiros, veremos que também os temos em abundância. Há os mitos positivos: "O povo brasileiro é muito quente e simpático"; os negativos: "Brasileiro não gosta de trabalhar"; e os que costumavam ser vistos com

1 - Esta "paralisia moral" é um tema recorrente na literatura norte-americana. Vem muito bem ilustrada nos protagonistas das obras de Henry James, decorrendo sempre da compreensão de todos os desastres que podem advir de um simples ato impensado. Daí também o famoso "Do I dare disturb the universe?", de T.S. Eliot.

simpatia e agora passam a ser questionados, como o mito do "jeitinho brasileiro".

Assim, também, o "Establishment" americano utiliza o mito do Sonho Americano enquanto instrumento de direcionamento ideológico, com o objetivo de "conduzir à ação". Para obter resultados, utiliza ainda outro mito fundamental na cultura norte-americana, que é o mito da Classe Média, no qual todo o americano se vê enquanto membro da "classe média", seja ele pobre, remediado ou rico. Mas não é à Classe Média Econômica que nos referimos aqui, e sim à Classe Média Intelectual. Peço licença, aqui, para arriscar um raciocínio baseado em estereótipos. Se o "brasileiro típico" é visto como subnutrido e incapaz de um raciocínio mais crítico; se o europeu é visto como culto e educado; o americano típico é aquele visto como a vítima da "mass media", totalmente vulnerável à propaganda e ideologicamente direcionável.

Cabe à literatura o papel de questionar este direcionamento, enquanto que os meios de comunicação, em especial a televisão, parecem sempre ratificar os valores propostos pelo sistema. E é este o fenômeno que gostaríamos de observar, iniciando pelos fenômenos sociais ocorridos na década de 1960.

Existe toda uma aura mítica envolvendo os Anos Sessenta. Há o movimento de contra-cultura, a revolução na moda, nos costumes e nos valores. Há o "Black Power", o movimento pacifista, o movimento feminista e os hippies. O festival de Woodstock, O Monterey Pop, Bob Dylan, Janis Joplin e Jimmy Hendrix. Tudo isto se encontra hoje cristalizado, em forma de História, tendo os protagonistas se transformando em lendas vivas ou em mártires de uma grande revolução de valores. Hoje, são todos os mitos. Mas como teriam estes heróis sido vistos em seu tempo?

O que ocorre, basicamente, na época, é um conflito violento entre o "Establishment" e um grupo

de movimentos sociais, políticos e artísticos. E o inusitado é o fato de que a oposição ao sistema é quem sai vencedora. A questão que se propões, então, é: "que fatores contribuíram para que estes movimentos de contra-cultura fossem tão fortes, a ponto de abalar, inclusive, o mito do Sonho Americano?"

No campo político, o "impulso à ação" proporcionado pelo mito vinha no sentido de combater o Comunismo. Havia o Muro de Berlim, Fidel Castro em Cuba e os conflitos na Ásia, em especial a Guerra do Vietnã. Aos poucos, a luta em prol da democracia foi perdendo os contornos de ideal para se transformar em uma realidade desagradável. O descontentamento com a falta de resultados positivos, o contingente de jovens enviados para o combate e a inflação crescente fizeram com que o movimento político de oposição crescesse a ponto de eleger, em 1968, Richard Nixon para a presidência. Um ano após a posse, este declara que "Os Estados Unidos participarão da defesa e do desenvolvimento de amigos e aliados, mas a América não pode -- e não quer -- elaborar "todos" os planos, definir "todos" os programas, executar "todas" as decisões e responsabilizar-se por "toda" a defesa das nações livres do mundo. Auxiliaremos no que for realmente necessário, quando o nosso interesse estiver envolvido." (2)

Fica então negada, pelo próprio presidente da república, a cruzada ideológica em prol da democracia proposta pelo Sonho Americano.

Paradoxalmente, em meio a todas estas transformações, se ligarmos um aparelho de televisão, durante os Anos Sessenta, o que vamos encontrar é a afirmação de todos os valores que, aparentemente, estão sendo negados. Dentre os seriados de televisão

2 - Trecho de "A doutrina Nixon", como ficou conhecido o discurso proferido em julho de 1969 na ilha de Guam, no Pacífico.

predomina o "western". No mito do Oeste Americano encontramos o "Novo Adão" desbravando territórios selvagens em busca da "Terra Prometida". Seriados como Daniel Boone, As Viagens de Jaime ou Os Monroes resgatam, assim, os ideais de pureza, fé, e inocência que formaram o Sonho Americano.

Mas os "westerns" mais bem sucedidos são aqueles que nos mostram o triunfo do colonizador, anos mais tarde, na sociedade que ajudou a criar. A partir do clássico *Bonanza*, e ao longo de toda geração de seriados que se seguiu (*Big Valley*, *Chaparral*, *Lancer*, etc.) repete-se o padrão do aventureiro pobre que triunfou, constituiu uma família, prosperou e tornou-se o rancheiro mais rico das vizinhanças. Aliada à riqueza material vem sempre a riqueza espiritual e a ratificação dos valores morais que o guiaram até o sucesso. É o mito do "Self-made man". É interessante abrirmos um parênteses aqui, para examinar a configuração dos mitos envolvendo o "dinheiro" no imaginário popular americano e no brasileiro. No mito do "self-man" a riqueza vem como recompensa do esforço individual e é considerada uma virtude. Já para nós ela representa um valor negativo, pois vem associada à idéia de corrupção. Não raras vezes presenciamos, em momentos de campanha eleitoral, um candidato insinuar que o seu opositor possui bens de valor, com a intenção de o desabonar perante o eleitor. Aquele que possui riqueza, na mitologia brasileira, a conseguiu às custas da exploração do próximo.

Encontramos também, na televisão dos Anos Sessenta, os seriados sobre guerra ou espionagem. Como o tema é muito delicado, devido à falta de sucesso nas campanhas empreendidas na Ásia, estes filmes são apresentados sob forma de comédia. A mentira sublinear é sempre a da superioridade dos americanos sobre os tradicionais inimigos alemães (*Guerra*, *Sombra e Água Fresca*), ou Japonesas (*Kiwi*, *a Escuna do Diabo*). Quando os inimigos são os russos, a

questão é abordada sob dois aspectos. quando se trata de espionagem (*Agente 86*), são representados como vilões; mas quando vistos enquanto indivíduos -- geralmente artistas ou cientistas -- surgem como vítimas de um mau direcionamento ideológico, e têm sempre seus olhos abertos pelos protagonistas dos seriados em questão (como ocorre, por exemplo, em alguns episódios de *Viagem ao Fundo do Mar*, de *O Rei dos Ladrões* ou nos filmes de 007, no cinema).

Ao analisarmos o contraste entre os valores propostos por estes seriados (e assimilados pelas crianças de então, que viriam a se tornar os "Yuppies" dos anos Oitenta), vemos que o "Establishment" já se utilizava dos mecanismos de defesa que garantiriam a sua própria manutenção. E assistimos, assim, a um processo social no qual a oposição vence e o sistema, aparentemente, se adapta à nova situação, assimilando certos aspectos. Os mortos são transformados em mártires e reverenciados como tal. Os sobreviventes são ignorados e evitados. Os símbolos do movimento são comercializados e o lucro apurado é revertido em benefício do próprio "Establishment". Assim, os discos de Joplin e Hendrix transformam-se em clássicos e as calças de jeans desbotado -- símbolo de desapego econômico e social -- são agora as mais procuradas e as mais caras.

A frase que dá a tônica dos Anos Setenta é o famoso verso de John Lennon, "The Dream is Over". A própria mídia corrobora esta visão de que os anos de ingenuidade se foram, e de que o que temos agora é uma América mais humilde e também mais experiente. Mas, na verdade, o sonho não acabou, foi apenas desvinculado, momentaneamente, de seu aspecto imperialista. Os prêmios da televisão norte-americana se alternam, ao longo da década, entre três seriados.

O primeiro é *A Feiticeira*, uma comédia que ressalta os atrativos do conforto e do aconchego doméstico da família americana de classe média. Em sua

segunda fase, o seriado apresenta uma série de viagens no tempo: ora é a família que regressa aos primeiros núcleos de colonização, lembrando os "peregrinos" da importância dos valores que estão trazendo para a nova terra; ora são personagens históricos (Benjamin Franklin, Thomas Payne, ou George Washington) que são transportados para o século XX, ficando invariavelmente maravilhados com a exuberância da grande nação que seus descendentes souberam construir. O mito do Sonho Americano reverte, assim, ao seu estado mais puro, desvinculado dos aspectos negativos que tanto o depreciaram.

O segundo seriado, *Os waltons*, nos apresenta uma família americana durante a Depressão, no início dos Anos Trinta, buscando se reerguer da mesma forma com que os Estados Unidos buscam recuperar a sua identidade após a queda na questão do Vietnã. O resgate do trabalho, da família e da União, enquanto fatores determinantes na superação de momentos de crise, é, assim, ressaltado.

Mash, a *Sátira da Guerra*, parodiando e ironizando os antigos seriados do gênero, tem então a sua vez, representando o tributo que deve ser pago à vitória inquestionável do movimento liberal, asseverando que o sonho -- ao menos em seu aspecto imperialista -- acabou (por ora).

É uma década estranha e contraditória, na qual presenciamos, simultaneamente, a adaptação aos novos valores e a reassimilação dos mesmos pelo sistema. As "baixas honrosas" da revolução dos Anos Sessenta -- John Kennedy e Martin Luther King Jr, por exemplo, ambos tão criticados por suas políticas "Fracas e utópicas" -- tornam-se mitos nacionais de primeira grandeza. Já os militantes que sobrevivem ao movimento não recebem o mesmo tratamento. Bob Dylan é classificado como "decadente"; John Lennon encabeça a lista dos imigrantes indesejados do país, que faz o possível e o impossível para deportá-lo. E qualquer

atitude mais crítica, por ingênua que seja (vide Jane Fonda obrigada pelo pai a retratar-se por exprimir opiniões políticas, ou Marlon Brando escorraçado pela Academia), é claramente reprovada.

Mas é somente nos Anos Oitenta que o "Establishment" resgata a noção do Sonho Americano em todos os seus aspectos. Na virada da década ocorre a transposição da ópera-rock Hair -- símbolo de todo o questionamento do movimento pacifista -- para o cinema. Mas já não há repercussão. A imaginação popular está voltada, agora, para as séries Rocky, Cobra e Rambo, de Stallone, o porta-voz da nova "Política Reagan". Questões complexas voltam a ser apresentadas de forma simplificada. O herói americano abraça novamente a missão de levar a democracia a todos os povos oprimidos do mundo, que deverão ser salvos, quer queiram, quer não queiram.

Lembramos, ainda uma vez, das idéias de Nietzsche sobre o Super-homem.

Surgem, contudo, alguns problemas inusitados com relação ao objeto a ser destacado nesta campanha de libertação. Vem a Perestroika e a política com relação ao Segundo Mundo, o mundo comunista, se modifica. Cai o muro de Berlim e a economia norteamericana, centrada na indústria bélica, se ressentida com o fim desta cruzada ideológica. A depressão é agravada ainda pela concorrência sempre crescente das empresas japonesas.

A política com relação ao terceiro mundo endurece e é criada a "Cruzada contra as Drogas". As pesquisas mostram que a maioria da população apóia a ação do governo no episódio da intervenção norteamericana na Nicarágua. São, todavia, contrários, alguns meses mais tarde, à invasão do Kuwait pelo Iraque, com a justificativa de que a soberania de uma nação não deve jamais ser violada.

Nós, enquanto brasileiros, ficamos muito bem posicionados para assistir ao jogo de forças implicado

no conflito entre os Estados Unidos e o Iraque. Economicamente, não nos faria muita diferença se o preço do barril do petróleo fosse controlado por esta ou aquela potência. E possuíamos elos de ligação com ambos os países: enquanto membros da mesma cultura ocidental, compreendíamos as motivações americanas; e, enquanto terceiro-mundistas, compreendíamos a indignação do Iraque. Ideologicamente, o Brasil gozava de uma posição de neutralidade, podendo transcender as imagens maniqueístas que apresentavam, de um lado, Saddam como um "psicopata" e, do outro, Bush como um "anti-Cristo".

O que presenciamos pode ser definido, em última análise, como o confronto entre dois "Mitos", o do Sonho Americano -- com o herói socorrendo uma nação amiga e necessitada -- e de Davi Contra o Gigante Golias -- no qual o pequeno herói vingaria todos os povos subjugados do mundo.

Dos dois, venceu o mito do Sonho Americano. Regatou-se, então, o sentimento de nacionalismo tal qual este se apresentava até os Anos Sessenta. E, assim, foram superadas duas grandes manchas de autoestima dos Estados Unidos, o recente insucesso na incursão ao Vietnã e a tragédia nuclear de Hiroshima e Nagasaki, finalmente justificada pela comprovação de que a superioridade armamentista é mesmo capaz de reduzir a duração de uma guerra, idéia já verbalizada, em 1963, pelo presidente Kennedy:

"As armas dos Estados Unidos são cuidadosamente controladas, feitas para deter ao invés de para provocar, e capacitadas para um uso discriminado. Nossas forças militares estão voltadas para a paz e são treinadas para o auto-controle. (...) Os Estados Unidos, como o mundo sabe, jamais iniciarão uma guerra."⁽³⁾

³ - Trecho do discurso pronunciado na American University, em Washington, em 1963.

É opinião dos críticos políticos que o sucesso contra o Iraque fortaleceu a imagem do presidente Bush junto ao povo norte-americano, aumentando a probabilidade de uma reeleição -- pela quarta vez consecutiva -- do partido republicano (cuja política é tradicionalmente mais dura e desfavorável com relação aos países do terceiro mundo) na próxima campanha presidencial.

O que temos, então, é um círculo que se completa e no qual encontramos os valores que regem o agir da nação americana aceitos, questionados e, a seguir, ratificados. Resta, à guisa de conclusão, escolhermos entre duas alternativas. A primeira seria a de expor o lado mais escuro deste mito de um mundo em que "todos são iguais, mas uns são mais iguais dos que os outros", denunciando assim a manipulação ideológica que vem permeando a História desde que o mundo é mundo. A segunda alternativa, bem menos engajada, seria a de sugerir que a luta pelo poder é parte integrante da natureza humana e que aqueles que detêm este poder não se podem dar o luxo de questioná-lo, sob pena de perderem sua posição de comando. "Ao vencedor, as batatas!"

FICCIONISTAS PÓS-MODERNOS NOS ESTADOS UNIDOS

Eloína Prati dos Santos

Tentar definir pós-moderno de forma clara e definitiva é correr o risco de procurar em vão por alguma coisa que na realidade só existe como linguagem. Pós-moderno é um desses termos inventados pelos críticos, o mais usado dentre um elenco de outros igualmente inadequados e/ou insuficientes - paraficção, metaficção, ficção pós-contemporânea - e que aponta na direção geral de um complexo de idéias e tendências.

A tentativa de organizar o que segue não força o conteúdo na direção de nenhuma definição pré-concebida de pós-moderno, buscando com isso evitar o reducionismo, a categorização fácil e o exame isolado de certas convenções, atribuindo-lhes um significado mais universal do que possam merecer.

O objetivo não é teorizar, mas somente descrever o que têm feito com a narrativa alguns autores norte-americanos nas últimas décadas, abordar autores e livros que demonstram a variedade e as possibilidades do pós-moderno com um único pressuposto: enfocar ficções que tenham rejeitado noções tradicionais de representação, que tentam redefinir o realismo e que, embora modernas, de alguma forma transpõem o moderno.

É impossível e inútil demarcar com uma linha nítida o que constitui o pós-moderno na literatura porque o pós-moderno não segue o moderno, mas convive com ele, o utiliza e o desafia, por um lado. Por outro, suas muitas raízes se espalham tanto no teatro do absurdo e na ficção surrealista quanto na própria história da ficção desde Cervantes, passando por Fielding e Richardson, Joyce, Hemingway e Faulkner, enquanto outros estão calcados na ciência e na filosofia modernas.

Dentro dos limites da ficção pós-moderna norte-americana, gostaria de arbitrar um ponto de partida